



Faça parte da LISTA DE TRANSMISSÃO e receba o boletim diariamente. Salve nosso contato (85 99162-2621) e envie um Oi com seu nome e cidade.

Mais notícias em: www.sintsefceara.org.br | Para receber envie email: imprensasintsef@gmail.com | Ano VII - Nº 2403 17/06/2022

ASSASSINATO DE BRUNO PEREIRA E DOM PHILIPS REVELA PARA O MUNDO O DESCASO DE BOLSONARO COM O MEIO AMBIENTE E OS POVOS DAS FLORESTAS NO BRASIL

A Direção Colegiada do SINTSEF manifesta profundo pesar e solidariedade às famílias de Bruno Pereira e Dom Philips assassinados no vale do Javari, na Amazônia, por trabalharem defendendo a floresta e os povos indígenas. Entre tantas questões que envolvem o caso, queremos levantar o debate sobre como as políticas e os órgãos públicos de preservação ambiental e proteção das populações tradicionais sofrem com o desmonte, perseguição e descredibilização no governo do atual presidente Jair Bolsonaro.

É importante ressaltar a relevância do trabalho de décadas que as servidoras e os servidores públicos da Funai, do Ibama e do Icmbio, entre outros, desempenham na garantia dos direitos dos povos indígenas e na preservação dos bens ambientais brasileiros. Mesmo lidando com a pressão do agronegócio, madeireiros, garimpeiros e outros empresários, os servidores públicos sempre primaram pelo compromisso com a administração pública. Entretanto, no governo Bolsonaro, tem sido cada vez mais difícil exercer a função para qual foram admitidos.

Bruno Pereira é um exemplo da lógica perversa implementada por Bolsonaro. Atuando há mais de 11 anos como indigenista na região onde

desapareceu, foi Coordenador-Geral de Índios Isolados e de Recente Contato, na Funai, sendo perseguido e exonerado em 2019, após atuar em uma operação que destruiu mais de 60 balsas de garimpo ilegal na Terra Indígena Vale do Javari.

Outra face dessa lógica, diz respeito ao ataque à imprensa que questiona as ações do presidente. O jornalista Dom Philips, questionou em 2019 numa coletiva de imprensa, qual a política ambiental do país se o desmatamento só aumentava, se o Ibama estava aplicando menos multas e realizando menos operações, se o Ministro do meio [Ricardo Salles, na época] andava por aí com "a galera das madeireiras". O Jornalista foi prontamente atacado com a resposta de Bolsonaro dizendo que a Amazônia é do Brasil, dando a entender que Philips não tinha direito de abordar este tema.

A violência na zona rural e especialmente na Amazônia tem crescido assustadoramente na proporção que a presença do estado diminui nessas regiões. Com um governante que faz vista grossa aos crimes ambientais e a destruição dos povos indígenas, os malfeitores têm se sentido a vontade para atuar e deixar a população acuada.

Até quando? Essa situação precisa mudar!

O NÚMERO DE MORTES EM CONFLITOS RURAIS AUMENTOU 10 VEZES ENTRE 2020 E 2021

Bruno e Dom merecem justiça e que o Governo Federal empenhe seu melhor e maior esforço na resolução do desaparecimento, assim como outros defensores que morreram defendendo a floresta e os povos indígenas, dentre eles outro servidor da Funai, Maxciel Pereira dos Santos. Confira em apuração do jornal Brasil de Fato com dados da Comissão Pastoral da Terra, outros casos semelhantes.



ARI URU-EU-WAU-WAU

Integrava um grupo auto-organizado de vigilância em defesa da floresta, registrando e denunciando extrações ilegais de madeira dentro de seu território, em Rondônia. Foi encontrado morto com sinais de espancamento em abril de 2019.



MAXCIEL PEREIRA DOS SANTOS

Servidor da Funai, atuava na fiscalização na Base do Rio Ituí-Itaquai, no Vale do Javari. Foi assassinado a tiros em uma praça em Tabatinga, no Amazonas, em setembro de 2019.



SARAPÓ KA'APOR

Atuava no combate à invasão de madeireiros, garimpeiros e mineradores na TI Alto Turiaçu, no Maranhão. Após ameaças, chegou a ser incluído no programa estatal de proteção para pessoas ameaçadas. Morreu em maio de 2021, após comer um peixe. Lideranças pedem a exumação de seu corpo por suspeita de envenenamento.



ZEZICO RODRIGUES GUAJAJARA

Diretor do Centro de Educação Escolar Indígena Aruru, na TI Arariboia, no Maranhão, denunciava a derrubada da floresta e o roubo de madeira da região. Foi alvejado a tiros em março de 2020.



PAULO PAULINO GUAJAJARA

Integrava o grupo indígena que atuava na preservação da mata e de seu povo, combatendo a extração de madeira, na TI Arariboia, no Maranhão. Foi morto com um tiro nas costas em novembro de 2019.



Para saber mais acesse
as nossas mídias sociais!

Boletim editado pela Assessoria de Comunicação
Coordenação: Afonso Barbosa e Lucy Mary Matos
Jornalistas: Camila Garcia (3357 CE) e Letícia Alves

#DEFESADAVIDA #DEFESADOSERVICOPUBLICO #CONTRAACOVID19 #VACINAPARATODOSJA